

O ENSINO DE FILOSOFIA: ASPECTOS MERLEAU-PONTYANOS SOBRE A CORPOREIDADE E A EXPERIÊNCIA DO PENSAR PELAS MÃOS QUE FALAM

THE TEACHING OF PHILOSOPHY: MERLEAU-PONTIAN ASPECTS ON CORPOREALITY AND THE EXPERIENCE OF THINKING THROUGH SPEAKING HANDS

Plínio Santos Fontenelle¹

Resumo:

Como resultado de pesquisa teórico-metodológica referente ao Programa de Pós-Graduação em Rede, o presente trabalho tem como intento estabelecer um elo entre a Filosofia e a Libras numa proposta que culminou na elaboração de material didático-pedagógico do ensino de Filosofia pela experiência da Libras. A Filosofia uma vez instaurada no universo escolar precisa exercer de maneira crítico-reflexiva um despertar constante para a práxis, e, portanto, ter papel ativo e transformador na relação professor-aluno. Nesse sentido, uma educação que estabeleça elos que sejam verdadeiramente inclusivos e voltados à cidadania se faz necessário. A partir de estudos à luz do pensamento de Maurice Merleau-Ponty podemos fortalecer esses elos quando passamos a compreender como a experiência de corporeidade nos proporciona tanto com a Filosofia quanto com a Libras uma relação direta da linguagem de um corpo-sujeito. Nos mais diversos teóricos estudados e, principalmente o já citado aqui, observa-se conceitos como percepção, corpo, corpo-próprio, expressão, linguagem, movimento e fala. Refletir essas temáticas buscando compreender o universo da língua do surdo nos propicia grande sustentabilidade nas abordagens de nossos estudos. Para atingir tal intento nos utilizamos de muitas obras, mas como leitura principal, a obra *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty que melhor fundamenta nossas análises.

Palavras-chave: corporeidade; movimento; linguagem; fala; Merleau-Ponty

Abstract:

As a result of theoretical and methodological research related to the Postgraduate Network Program, the present work intends to establish a connection between Philosophy and Brazilian Sign Language (Libras) in a proposal that resulted in the development of didactic-pedagogical material for teaching Philosophy through the experience of Libras. Once Philosophy is introduced into the school environment, it must promote, in a critical-reflective manner, a constant awakening to praxis, thus playing an active and transformative role in the teacher-student relationship. In this sense, an education that establishes truly inclusive and citizenship-oriented connections becomes necessary. Through the study of the ideas of Maurice Merleau-Ponty, we can strengthen these connections by understanding how the experience of corporeality provides us, both in Philosophy and in Libras, with a direct connection between language and a body-subject. Among the various theorists studied, especially those already mentioned here, concepts such as perception, body, self-body, expression, language, movement and speech are observed. Reflecting on these themes, seeking to understand the world of the language of the Deaf, provides a solid foundation for our studies. To achieve this goal, we use several works, with the main reading being Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception*, which underpins our analyses in a deeper way

Keywords: corporeality; movement; language; speech; Merleau-Ponty

¹ Universidade Federal do Maranhão. Email: fontenelle.plinio@ufma.br

Introdução

De uma inquietação de quando tivemos a experiência em sala de aula com alunos surdos e a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), uma evidência tornou-se pulsante nas experiências vivenciadas desde então: a de que enquanto seres humanos em formação somos corpo que fala e se manifesta no mundo. As primeiras reflexões mais aprofundadas sobre essa evidência, esse falar silencioso que despertara uma percepção única, deu-se à luz e auxílio da Filosofia, quando mais uma vez, o contato com surdos se fazia experienciar, agora adentrando a sala de aula e colocando frente a frente duas realidades tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes, além de distintas, na fala do aluno surdo e na fala do professor de Filosofia. Próximas, pois estavam no mesmo ambiente em busca de conhecimento, troca de experiência e aprendizado; distantes, devido aos entraves existentes.

A Filosofia se constitui de maneira reflexiva e dialógica nos espaços escolares e precisa desenvolver a interação entre os sujeitos desse processo. Busca-se, então, aproximar o cenário filosófico ao universo da LIBRAS por intermédio do aluno surdo e toda a sua bagagem cultural; assim como a Filosofia se constitui um domínio de saber para a reflexão e reconhecimento da realidade desse aluno. O pensar crítico do surdo se efetua e se manifesta pelas mãos que falam, pois ser surdo é saber que se pode falar com as mãos. Nos questionamos então: Como os conceitos e argumentos filosóficos podem ser representados pelas mãos que falam e nos fazem pensar? Em que medida os sinais e gestos representam uma experiência do filosofar? Existe uma interação por parte do profissional de Filosofia nessa comunicabilidade?

Nossos estudos foram fundamentados filosoficamente à luz do pensamento de Maurice Merleau-Ponty, refletindo temáticas como percepção, corpo-próprio, expressão, movimento, linguagem e fala. Tais temáticas são de grande sustentabilidade ao nosso trabalho quando buscamos elaborar uma proposta metodológica do ensino de Filosofia pela experiência da Libras e, nesse percurso, utilizamos como leitura principal, a obra *Fenomenologia da percepção* do referido autor. Aqui expomos um dos momentos do nosso trabalho de dissertação de mestrado LIBRAS e Ensino de Filosofia: a experiência do pensar pelas mãos que falam que teve como culminância e produto um caderno filosófico intitulado “A experiência do filosofar pela enunciação da LIBRAS”.

O silêncio do corpo e sua expressão

O corpo é nossa presença concreta no mundo e se faz presente de diferentes formas, ele comporta em si a riqueza de veicular gestos, expressões, comportamentos, emoções e até o silêncio. Pelo corpo habitamos no mundo e somos parte de um todo, que até pode viver isolado, mas é fato que precisa se comunicar de alguma forma com alguém ou algo, afinal estamos sempre emitindo mensagens, mesmo que silenciosas. O corpo em silêncio tem um aquietar para sentir, e ainda assim grita o próprio silêncio uma vez que se expressa, pois o silêncio nem sempre está vazio, tanto pode estar cheio de respostas quanto de questionamentos, cheio de vida que pulsa de maneira tal que as vezes grita, mesmo quando não fala.

Quando nos comunicamos e tentamos passar uma mensagem convincente sobre nós mesmos e queremos que os sujeitos entendam nossa mensagem,

utilizamos de expressões que muitas vezes não são seguidas de pronunciamento de fala. No intuito de sermos entendidos e persuadirmos as pessoas que nos rodeiam, quase sempre utilizamos primeiro a expressão corporal como principal veículo, seja com um sorriso, um olhar, um aceno de mão, um beijo lançado ao vento etc... ou em muitos casos achamos que estamos completamente à sombra da leitura de nossas expressões, mas estamos falando muito mais que poderíamos imaginar, afinal nosso corpo transmite mensagens, ou seja, nosso corpo fala até mesmo quando pensamos não ter intencionalidade.

O corpo está no mundo como as demais coisas que estão em seu entorno, contudo, corpo e consciência estão imbrincados, assim, percebe a realidade desse mundo como fazendo parte também da sua própria realidade, pois a consciência que tem do mundo se dá pelo seu corpo-próprio. Assim, o corpo é o que temos de verdadeiro, e como já dito, “ser corpo... é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 205). Podemos dizer, à luz do pensamento de Merleau-Ponty, que corpo e consciência estão imbrincados, pois o sujeito pensa ao mesmo tempo em que sua percepção penetra nas coisas. Então: “Constatamos pela primeira vez, a propósito do corpo próprio, aquilo que é verdadeiro de todas as coisas percebidas: que a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 205).

A oposição tão presente em toda história ocidental entre ideia e fato, sujeito e objeto, espírito e corpo, ciência e filosofia (que por conseguinte eram separadas no que era considerado inevitável) era uma convicção de clareza no que tange ao conhecimento, e esta convicção fora evitada por Merleau-Ponty, onde ou tudo era consciência ou tudo era matéria, fato este que permite ao filósofo superar assim o dualismo entre sentir e entender.

Numa relação de conhecimento, o que era inevitável para Merleau-Ponty era o mergulho no sensível conectando o sujeito que conhece ao objeto que é conhecido pelo sujeito, pois, segundo ele, todo o conhecimento presente em nossa consciência passa primeiramente por nossa percepção, ou melhor, pelas portas da percepção. E que há uma espontaneidade no corpo que antecede qualquer reflexão, qualquer pensamento seguido de uma ordem. Se seguissemos uma ordem, seria impossível executar os gestos, atos, palavras e até a sequência de movimentos, pois teríamos que pensar antecipadamente cada ato.

Temos no corpo, então, o veículo de comunicação com o mundo. Assinalamos dessa forma outro exemplo, que em verdade é o foco de nossos estudos, que seria o corpo surdo como o corpo próprio a que se refere Merleau-Ponty: “Se ainda se pode falar, na percepção do corpo próprio, de uma interpretação, seria preciso dizer que ele interpreta a si mesmo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 208).

Aqui nos interessa a observação de que em muitos casos de surdez a pessoa nasce surda, bem como em outras circunstâncias perdera gradativamente ou ainda de maneira abrupta a audição. Em qualquer desses casos, essa pessoa enquanto ser no mundo terá que reaprender a examinar sua experiência e leituras de mundo. Foi o que ocorreu no processo de identidade dos surdos. Agora era preciso se comunicar e se fazerem ser entendidos, não se trata de gestos numa expressão mimética, mas sim da expressão de um corpo que vibra em si o sentido e o significado de sua existência. Quer esse corpo surdo fazer parte de forma ressignificada num mundo que sempre fora seu também, e numa língua que o represente como parte de um corpo fenomenal. Podemos então dizer que uma vez

inserido no mundo e consciente disso, o “corpo é um veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 122).

E é nesse sentido que a experiência da surdez também apresenta o corpo como veículo de comunicação com o mundo, não como mera representação desse significado, mas como experiência que se reconhece e se revela. Assim “[...] só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 114).

O corpo surdo tem como expressão o silêncio dos sinais, que se fazem ouvir, rompendo esse mesmo silêncio numa comunicação linguística própria e sem a supremacia da fala oralizada. Surdo e ouvinte numa relação de vivências próprias rompem as barreiras do silêncio com diferentes formas de se fazer ouvir, sentir e entender.

Tomemos como exemplo o caso de Emanuelle Laborit, atriz francesa do filme *Os filhos do silêncio*, que faz um relato pessoal e subjetivo de sua experiência de quando era criança e, até aos sete anos de idade, não tinha qualquer comunicação que possibilitasse compreender a razão de seu mundo ser tão diferente daqueles com o qual ela convivia. De uma surdez profunda, a atriz citada é neta do cientista Henri Laborit (1914-1995), filha do psicanalista e psiquiatra Jacques Laborit, tornou-se consagrada com o prêmio Molière, rompeu o silêncio com um grito de comunicação ao buscar a “língua gestual” ou a LS (língua de sinais) francesa que a fez compreender a si mesma e ainda resultando na obra *O grito da gaivota* (2000).

Vivi no silêncio porque não comunicava. Será isso o verdadeiro silêncio? A escuridão completa da incomunicabilidade? Para mim, toda a gente representava um negro silêncio, a não ser os meus pais, sobretudo a minha mãe. O silêncio tem, pois, um significado que a meu ver não é senão a ausência da comunicação. Embora eu nunca tenha vivido num completo silêncio. Tenho os meus próprios ruídos, inexplicáveis para quem ouve. Tenho a minha imaginação e ela tem os seus ruídos em imagens. Imagino sons a cores (sic). O silêncio que eu vivo é a cores (sic), nunca é a preto e branco. Os ruídos daqueles que ouvem são também em imagens, para mim, feitos de sensações. A onda que rola na praia, calma e suave, dá uma sensação de serenidade, de tranquilidade. A que se ergue e galopa encapelada representa a ira. O vento são os meus cabelos soltos no ar, a frescura, uma doce sensação na minha pele (LABORITI, 2000, p. 14).

Os surdos nos apresentam essas diferentes formas de se fazerem ouvir, assim como as diferentes formas de se fazer ouvir também se expressam na linguagem do poeta, uma linguagem silenciosa que tão somente quer ser ouvida.

No geral, os estudos feitos sobre os surdos são tratados por um prisma dos ouvintes, e quase sempre classificando como deficiência, fugindo por completo da experiência vivificada do ser surdo. Desfazendo essa concepção, Laboriti (2000) relata em seu livro que foi essencial e determinante se identificar como sendo dona de um corpo surdo. Diz ela:

Sou surda, não quer dizer: "Não ouço". Quer dizer: "Compreendi que sou surda." É uma frase positiva e determinante. Na minha mente, admito que sou surda, compreendo-o, analiso-o, porque me deram uma língua que me permite fazê-lo. Compreendo que os meus pais têm a sua própria língua, a sua maneira de

comunicar e que eu tenho a minha. Pertença a uma comunidade, tenho uma verdadeira identidade (LABORITI, 2000, p. 48).

Percebemos que a autora do relato acima, ao se compreender como sendo dona de um corpo surdo, portanto, surda e tendo uma língua própria, se sente instaurada num mundo que a entende, pois fala sua língua. Nesse sentido, a experiência de Rodrigo Marques Rosso, que também é surdo, nos fala de uma atitude natural do fenômeno, onde é preciso buscar compreender a experiência de ser uma pessoa surda (oralizada ou sinalizada). Ele reflete sua própria experiência de surdez no método fenomenológico: “a atitude natural não permite que vejamos o outro tal como ele se apresenta ao mundo, suprime-o” (MARQUES, 2008, p. 86).

Importa ressaltar que refletir sobre si mesmo enquanto experiência de um corpo surdo também é chamar a atenção para uma percepção de vida que quase sempre é invisível à sociedade ou completamente desconhecida de muitos, e que os tratam quase sempre como deficientes, termo que os afeta negativamente, pois ignoram completamente a capacidade de superação do que sequer sabemos se será uma limitação. Em sua análise explorando o corpo surdo, o autor nos fala de algumas experiências vivificadas cotidianamente.

Muitas são as experiências que poderiam ser relatadas a partir da vivência de um corpo surdo, como, por exemplo, as experiências visuais. Nos diz Marques:

Por exemplo, poderia descrever nessa mesma experiência visual de modos distintos, de um lado, a rapidez de reflexo com que as pessoas surdas olham os movimentos, como uma pessoa passando por trás é identificada pela sua sombra ou pelo reflexo no vidro de uma janela, ou mesmo pela observação da direção do olhar de outra pessoa. De outro modo, poderíamos identificar numa conversa em língua de sinais, diversos aspectos ao mesmo tempo, como a indagação do movimento da cabeça, a mão que faz o sinal, a direção do olhar que define a pessoa. Aqui se admira a abrangência do olhar fixo a um ponto, que, simultaneamente, “junta” todas essas partes e produz um entendimento. Ainda outro exemplo é o inquietante movimento quando estamos concentrados, uma árvore oscilando do lado de fora, um ventilador de teto entre nós e a lâmpada intriga-nos e fere nossa tranquilidade (MARQUES, 2008, p. 65).

As questões ligadas ao espaço visual dos surdos são amplas, o que também multiplica as experiências visuais deles que são recheadas de detalhes, reflexos e movimentos, uma vez que pelo olhar eles captam ao mesmo tempo muitas partes de muitos aspectos que se apresentam a eles num espaço. Ocorre que mesmo captando uma parte, esta é apenas uma entre tantas outras partes, ou seja, “a ‘experiência visual’ passa a ser um entre vários outros aspectos” como nos diz Marques (2008, p. 65).

Merleau-Ponty nos diz que:

Na realidade os próprios reflexos nunca são processos cegos: eles se ajustam a um “sentido” da situação, exprimem nossa orientação para um “meio de comportamento” tanto quanto a ação do meio “geográfico” sobre nós. Eles desenham à distância, a estrutura do objeto, sem esperar suas estimulações pontuais. É essa presença global da situação que dá um sentido aos estímulos parciais e que os faz contar valer, ou existir para o organismo (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 118).

Buscando outra experiência corporal da essência do corpo surdo, abordaremos segundo Marques (2008) as questões referentes ao tato como fonte tradutora dos sons.

[...] temos o tátil como fonte tradutora dos sons, podemos sentir o motor do carro em funcionamento, sua constância que o diferencia do seu estado de repouso, igualmente este mesmo tátil que me diz o “ligado/desligado” do motor também me acusa de uma “irregularidade” quando sua vibração “altera” por uma descarga avariada, de outro modo, posso sentir a aceleração pelo contínuo e crescente vibrar através de minhas mãos, pernas e pés. Este tátil ainda pode nos surpreender quando vemos uma pessoa surda num clube e percebemos em seus movimentos o acompanhar da diferenciação dos sons como a continuidade de uma música lenta, que denota um tom com leves, altos e baixos movimentos contínuos, ou numa música ritmada cujos passos acompanham perfeitamente as batidas dos movimentos levando todo o corpo a ritmar com movimentos próprios de cada dança. Para os incrédulos, tal destreza seria impossível sem a habilidade de ouvir e reconhecer os sons, porém compreende-se que outras “partes” que se subentende estão presentes e permitem acontecer tal evento (MARQUES, 2008, p. 67).

Vimos nas citações acima a riqueza de detalhes sensoriais que o corpo surdo transborda na relação com o que o circunda. Toda essa forma de se expressar no mundo é ainda mais transformadora quando vivencia sua comunicação pela LIBRAS.

Abordaremos o corpo surdo como o corpo próprio a que se refere Merleau-Ponty quando buscamos trazer à Filosofia para o enunciado da LIBRAS e tentamos explicitar essa experiência pelas mãos que falam através da LIBRAS. No pensamento do filósofo, o tema da expressão e da percepção estão diretamente vinculados, segundo ele, na medida em que o corpo se situa e percebe o mundo, ele também se expressa no mundo, e isto se dá conforme o movimento perceptivo que realiza no mundo. A esse sentido, em seu *Vocabulário de Merleau-Ponty*, Pascal Dupond, cita que na obra de 1945 “a expressão depende de uma estrutura metafísica do corpo humano que é uma potência aberta e indefinida de significar” (DUPOND, 2010, p. 29).

Aquilo que o corpo comunica antes das palavras é dado como a percepção do mundo. Dessa maneira, a percepção do mundo ao nos tocar os sentidos é revelada pelo corpo numa comunicação antes mesmo de serem proferidas quaisquer palavras, onde a expressão é o gesto, uma atitude perceptiva manifesta de maneira intersubjetiva de ser e se comunicar no mundo.

Vejam na citação que se segue:

O que reúne as ‘sensações táteis’ de minha mão e as liga às percepções visuais da mesma mão, assim como às percepções dos outros segmentos do corpo, é um certo estilo dos gestos de minha mão, que implica um certo estilo dos movimentos de meus dedos e contribui, por outro lado, para uma certa configuração de meu corpo. Não é ao objeto físico que o corpo pode ser comparado, mas antes à obra de arte (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 208).

Tentemos agora ler novamente a citação buscando uma visualização mental de um gesto qualquer. Percebemos que essa tentativa nos causa um estímulo aos sentidos, principalmente ao que corresponde ao campo visual e ao tátil, primeiro para visualizar mentalmente, segundo nessa visualização imaginar as sensações táteis, segue que aos termos a ideia do todo, percebemos que nossos movimentos se expressam, mesmo que nosso corpo esteja em silêncio.

[...] e ainda encontramos a expressividade de nosso semblante quando detalhamos informações linguísticas, seja por um movimento da cabeça como negação ou afirmação, o inflar das bochechas como intensidade, o movimento das sobrancelhas como indagação, os lábios imitando movimentos de motor, poderia se tratar apenas de um campo da linguística no qual podem ser meros aspectos gramaticais, mas sem o qual não teriam sentido se por outro lado esse corpo atuante não tivesse uma predisponibilidade para tal, desenvolvida e diferenciada a partir de algo que nos exige uma resposta e cujo mundo costumeiro suscita intenções habituais (MARQUES, 2008, p. 68).

Assim, compreendemos no movimento expressivo dos sujeitos, a concretização dos instantes do mundo pelos gestos, que ultrapassam as clássicas intenções de encarar o movimento enquanto “virtudes” mecânicas nervosas, estas guiadas pela fisiologia mecanicista, capaz de dar destaque à objetividade do movimento expressivo pela capacidade apenas físico-posicional. Seria, dessa maneira, limitar o corpo como objeto, assim como fez a referida ciência mecanicista ao sustentar a objetividade do movimento. Tal intento contraria o movimento de sentir o mundo, sobretudo do sujeito que mantém as expressões dos gestos, ou daqueles sujeitos também, como os artistas, quando conferem no geral, a existência das coisas criadas e das falas gestuais pela experiência expressiva lançada no mundo. Novamente nesta atitude, o corpo próprio que se presta ao gesto “sempre novo” daria lugar ao conceito de mundo geométrico, *deslocamento objetivo*, e no qual a ciência amplificou o “movimento constitutivo das coisas percebidas” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 86).

Quando percebo uma coisa [...] percebo a coisa em sua evidência própria [...]. Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos. [...] é preciso reconhecer como irreduzível o movimento pelo qual me empresto ao espetáculo, me junto a ele em um tipo de reconhecimento cego que precede a definição e a elaboração intelectual do sentido (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 259).

O corpo que fala pelos gestos é, desse modo, uma unidade de esquema que contraria as situações prontas. Logo, as expressões gestuais estão em consonância com o movimento expressivo. O filósofo nos indica que as expressões constituídas não contribuem para o “silêncio primordial”, sempre em construção.

Todavia, está muito claro que a fala constituída, tal como opera na vida cotidiana, supõe realizado o passo decisivo da expressão. Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 250).

Merleau-Ponty afirma ainda sobre a expressão constituída:

Vivemos em um mundo no qual a fala está *instituída*. Para todas essas falas banais, possuímos em nós mesmos significações já formadas. Elas só suscitam em nós pensamentos secundários; estes, por sua vez, traduzem-se em outras falas que não exigem de nós nenhum esforço verdadeiro de expressão e não exigirão de nossos ouvintes nenhum esforço de compreensão (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 250).

O movimento expressivo do corpo próprio, aquele realizado por gestos, coincide com a instauração sensível para a existência vivida, postura transcendente ao mundo possível. Qualquer gesto manifesto pelo corpo-sujeito é uma ação significativa ou a “mesma potência que o corpo se abre a uma conduta nova” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 262).

Afirma nosso filósofo: no entanto, não existe no exterior ao qual o corpo encontra-se aberto aos seus atos nenhum elo que capta as experiências de perceber por simples dispositivos associativos com pretensão de obter um sentido. O mundo acabado, desta forma, estaria por redundância pronto e já dado, e a expressão já constituída. Seria o mesmo que afirmar que o aparecer se constitui e se reduz à “representação” do mundo, ao invés de existir enquanto reconhecimento de planos factíveis, que estão no mundo como *traços de existência* (FONTENELLE, 2014, p. 34-35).

Ora, se a percepção envolve uma gestualidade, uma sutileza de movimento um tanto silencioso para se comunicar, temos a percepção como a expressão do movimento. Nesse sentido, a motricidade do corpo tem papel essencial na gestualidade expressiva, pois o corpo se expressa pelo movimento, assim, “[...] o ‘esquema corporal’² é finalmente uma maneira de exprimir que meu corpo está no mundo [...] o corpo-próprio é o terceiro termo, sempre subtendido, da estrutura figura e fundo, e toda figura se perfila sob o duplo horizonte no espaço exterior e do espaço corporal” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 147).

Disso decorre que o corpo vive e se entrelaça em meio às coisas do mundo, se submete e faz parte do tecido desse mundo. É, portanto, natureza. Ocorre que o corpo também é simbólico, transforma, cria, recria culturas ultrapassando a própria animalidade. Disso subtende haver no corpo um entrelaçamento entre natureza e cultura, prova viva são as manifestações de afetividades quando somos tocados emocionalmente, as expressões estéticas quando vivenciamos a arte nas suas mais variadas expressões como música, poesia, literatura; ou naquele sorriso que ofertamos, ou seja, toda expressão corporal é tanto natural quanto cultural.

Merleau-Ponty resgata o corpo da letargia a que os clássicos o impuseram e atribui a esse corpo lugar de ressignificação e fundamentação para o conhecimento. A ele foi dada a responsabilidade de sair da inércia e ir de encontro ao outro e ao mundo, experienciando sua vivência. A relação homem-mundo faz do corpo existência instaurada no mundo.

Podemos dizer que o corpo surdo também é um corpo que se busca resgatar da maneira como historicamente fora tratado, evidenciando esse corpo apenas como corpo-objeto, da representação de sua identidade e/ou de sua cultura. O corpo surdo é, antes de tudo, existência e se apresenta ao mundo como corpo que se expressa e tem autonomia, ou seja, um corpo sujeito. Na expressão “... eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes sou meu corpo”

² Esquema corporal é reconhecido por Merleau-Ponty como as partes que formam um “todo” ou posse indivisa do sujeito pela sua corporeidade. É a forma de organização corporal em que o sujeito se projeta para a realidade exterior numa tomada de consciência global. As partes estão envolvidas umas nas outras e não desdobradas umas ao lado das outras. Todas comprometem-se entre si, e sempre num mesmo sentido pontual em que requer a existência. Merleau-Ponty chamou assim, a polarização apreendida pelo corpo-sujeito de esquema corporal. Ou ainda como já apontou o presente filósofo, o corpo inteiro não é uma massa justaposta no espaço; ele é tão somente uma “posse indivisa”, mesmo que cada membro tenha a sua “função”, sua posição mesma nos abre ao envolvimento daquele esquema corporal.

(MERLEAU-PONTY, 2018, p. 208), Merleau-Ponty bem sintetiza e evidencia o encontro desse corpo com sua subjetividade.

Carmo (2003) enfatiza a notória e expressa importância dada ao estudo do corpo com lugar de destaque e profunda ênfase na *Fenomenologia da percepção*, isto se revela à medida em que vamos lendo a obra. O autor esquematiza por uma análise que se inicia pela sensação, em seguida percorre o mundo percebido destacando a sexualidade, a motricidade e a linguagem para desembocar na questão da consciência, da temporalidade e da liberdade. Reforçado na fala de Marilena Chauí (2008, p. 44) quando nos diz que “Graças ao corpo, espaço, tempo, motricidade, sexualidade, linguagem, visão, emoção, pensamento e liberdade surgem na trama dos acontecimentos corporais e destituem a consciência reflexiva de seu papel constituinte soberano ou do insensato ‘projeto de posse intelectual do mundo’”.

Notadamente o filósofo realiza suas concepções sobre o corpo não mecanicamente e por partes, mas como um todo, o que viabiliza e credencia nossos estudos com a pessoa surda para além de uma identidade cultural, mas como um ser que se expressa, tem autonomia, se relaciona política e socialmente como sujeito de seu corpo. Disso decorre que: "os que ouvem têm tudo a aprender com aqueles que falam com o corpo. A riqueza da sua língua gestual é um dos tesouros da humanidade" (LABORITI, 2000, p. 147).

Acreditando nessa assertiva seguiremos dando continuidade ao que nos propomos na referida pesquisa e, embora em todo percurso da obra de Merleau-Ponty esteja presente a questão da linguagem, daremos continuidade aos nossos estudos dando prioridade ao capítulo da *Fenomenologia da percepção* que se dedica a estudar especificamente a fala. Dessa forma no tópico seguinte, abordaremos a questão da linguagem onde o autor reflete sobre o corpo como expressão e fala.

Investigações sobre a linguagem: o corpo como expressão e fala

Percorrer o trajeto do pensamento referente às temáticas do corpo e da linguagem em Merleau-Ponty, requer compreender a fala como modalidade expressiva do corpo, e não como mera operação do pensamento. Uma vez reconhecido como distinto do objeto científico, o corpo é revelado pelo autor como dono de uma intencionalidade e de um poder de significação em sua expressão corpórea. A fala emerge enquanto gesto do corpo que está encarnado no mundo e como tal repleto de sentido e significado com o mundo em que vive, ou seja, sua comunicação não é expressa de maneira mecânica e aleatória. O sujeito que se expressa está vinculado às suas vivências sociais, dotado de liberdade e escolhas. É um corpo-sujeito que se expressa e se apresenta ao mundo.

Necessário se faz buscarmos entender como esse corpo se expressa e fala, e quando fala, como expressa essa intencionalidade e significação desse ato expresso. Merleau-Ponty se propôs seguir essa empreitada buscando compreender o universo da linguagem.

A posse da linguagem é compreendida em primeiro lugar como a simples existência efetiva de “imagens verbais” [...] de traços deixados em nós pelas palavras pronunciadas ou ouvidas. Quer esses traços sejam corporais, quer eles se depositem em um “psiquismo inconsciente”, isso não importa muito e, nos dois casos, a concepção da linguagem coincide em que não há “sujeito falante” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 237).

Ele acentua na citação acima que ao longo de nossa existência temos impregnados em nossos sentidos traços que foram deixados em nós pelas palavras que nos foram pronunciadas e que ouvimos ao que chamou de “imagens verbais”. Assim parece-nos claro que não existe um pensamento puro que seja anterior ao que expressamos como linguagem. A linguagem não é instrumentalização mecânica do pensamento, consiste sim, na fonte originária que dá sentido ao próprio pensamento.

Se há distúrbios eletivos que afetam a linguagem falada excluindo a linguagem escrita, ou a escrita excluindo a fala se a linguagem pode desagregar-se em fragmentos, é porque que ela se constitui por uma série de contribuições independentes e porque a fala, no sentido geral, é um ser de razão (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 238).

Importa ressaltar que em seu intento de compreender a problemática da linguagem, o filósofo se depara com a necessidade de retornar à origem da linguagem pré-reflexiva e ao mesmo tempo recuperar o que nela tem de movimento expressivo primário. Desta feita, ele não somente explora quanto recupera o que considera o verdadeiro sentido da percepção. Vimos que a percepção se configura como as portas de entrada para o mundo, aquela que inaugura o ser se projetando para fora, se permitindo ser e estar no mundo. Ora, este ser ao se lançar no mundo, vai ao encontro de si mesmo e ao se projetar, se expressa enquanto ser de linguagem, desta forma a linguagem também o liberta e o transporta nesta abertura para o mundo.

Projetar-se ao mundo requer comunicar-se, então em sua análise o autor faz a distinção entre o que ele chama uma “fala falante” e uma “fala falada”. A “fala falante” é uma fala que tem intenção significativa ainda em estado nascente, tem o ato em constituição de criatividade e que vai em busca de ultrapassar essas significações externando um certo silêncio que a envolve em palavras, ou seja, a linguagem em estado nascente. Por “fala falada” ele aplica uma sedimentação própria da vida social ou da instituição, são os sentidos inventados do mundo cultural como expressão, ou seja, a linguagem sedimentada. Então:

Fala falante e fala falada distinguem-se, pois, por sua relação com o silêncio. A fala falada obtura o silêncio do Ser bruto que ela substitui por sua volubilidade, ao passo que a fala falante cresce na proximidade do silêncio e reconduz a fala ao silêncio: “são as próprias coisas, do fundo de seu silêncio, que ela quer conduzir à expressão” (DUPOND, 2010, p. 33).

Temos de certa forma bem explícita que a linguagem vive uma constante tensão entre as duas falas: a falada e a falante; ao analisar o sentido do gesto corporal aproximando-o da fala fica a evidência de que Merleau-Ponty busca no corpo o que considera a origem do sentido da linguagem. A forma como apreendo o sentido da fala constitui-se o mesmo do gesto corporal. E para que possamos atingir a compreensão do que ele chama de linguagem, necessário se faz não só refletir, mas elucidar o movimento originário da percepção, do corpo, da fala e da expressão nesse referido autor. Na fala de Merleau-Ponty: “É essa função que adivinhamos através da linguagem, que se reitera, apoia-se em si mesma ou que, assim como uma onda, ajunta-se e retoma-se para projetar-se para além de si mesma” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 267).

Nosso intento é trazer para uma reflexão o corpo surdo e sua linguagem, sua vivência corporal no universo da língua de sinais. Dessa maneira, a presente experiência aqui proposta será uma troca de vivências, buscando intensificar o conhecimento da Filosofia e da Libras em práticas diferentes que se entrelaçam num movimento de pensar, estudar, pesquisar num toque delicado de vidas. Nesse sentido, o experienciar de Jorge Larrosa Bondía na fala abaixo nos instiga a pensar mais atentamente nossas experiências e nelas, nossas construções em sala de aula, de quem são nossos alunos, nossas falas, gestos e comunicações.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

O surdo, ao se comunicar, não apenas se expressa enquanto fala pelas mãos, pois em seu veículo de comunicação, ele diz: eu sou vivência. E essa vivência se efetiva no corpo próprio desse surdo numa linguagem própria que tem como intento desvelar sua realidade; em outras palavras, ele afirma que é vivência e tem um corpo como expressão e fala. Merleau-Ponty nos acentua a posse da linguagem como existência efetiva de “imagens verbais”, que são traços deixados em nós pelas palavras que nos foram ditas e ouvidas por nós em algum momento.

No caso do surdo, ele pode ou não ter tido plena audição um dia, bem como pode ter nascido surdo, e o diferencial foi a construção de identidade e cultural deste que o possibilitou lutar por sua cultura e espaço na sociedade. Trataremos de fala do surdo sempre na categoria de fala como comunicação, tendo em vista que a fala do surdo não é oral, mas sim visual-gestual na efetivação de sua comunicação.

Merleau-Ponty, em seus estudos, tomou a linguagem como uma de suas dedicações, e como já evidenciamos em algum momento de nossa abordagem, o filósofo diverge da filosofia tradicional em que a reflexão é anterior à percepção e a linguagem defendida como exterior à interrogação filosófica é considerada por muitos teóricos como um mero instrumento do pensamento. Numa perspectiva da contemporaneidade, Merleau-Ponty ao superar a dicotomia entre corpo e mente traz a linguagem para uma modalidade do corpo que não se limita apenas a uma operação do pensamento puro. Seria então uma extensão do corpo que faz parte do mundo da experiência, e estando assim, em um grau mais elevado de comportamento.

Nessa análise, é possível dizer que o uso espontâneo das palavras buscando exprimir algo, equivale a uma intencionalidade corpórea, como por exemplo, o gesto de levantar o braço para tocar um objeto qualquer. Assim como as palavras são espontâneas, o ato como gesto não necessita ser representado para ser feito.

Vejamos nas palavras de Sacchini (2009, p. 64):

A fala se aproxima, assim, da intencionalidade gestual, a qual também dispensa uma representação intelectual prévia do fim a ser alcançado pelo corpo. Os gestos seguem uma inteligibilidade espontânea do corpo, que sabe se pôr em situação sem calcular intelectualmente os ângulos e distâncias envolvidos em seus movimentos.

Segundo Merleau-Ponty, a palavra está presente em nós assim como nosso corpo. E diz ainda que temos em nosso corpo uma estrutura anatômica que é responsável pela fonação e pela deglutição e que a fala transcende essa estrutura, o que podemos constatar quando nosso corpo passa a emitir sons diversos como pela conversação, pelo canto e/ou poesia, ultrapassando sua função original.

Enfatizamos aqui a vivência de um mundo constituído pela fala e que nos conteúdos históricos descritos sobre a linguagem temos sempre uma referência em que predomina a linguagem verbal e a palavra como sustentabilidade de uma comunicação, fato que se difere da abordagem dada por Merleau-Ponty sobre a fenomenologia da linguagem quando atribui a esta uma análise ainda mais profunda da expressão do pensamento. E ele nos afirma:

Vivemos em um mundo no qual a fala está instituída. Para todas essas falas banais, possuímos em nós mesmos significações já formadas. Elas só suscitam em nós pensamentos secundários; estes, por sua vez, traduzem-se em outras falas que não exigem de nós nenhum esforço verdadeiro de expressão e não exigirão de nossos ouvintes nenhum esforço de compreensão. Assim, a linguagem e a compreensão da linguagem parecem evidentes. O mundo linguístico e intersubjetivo não nos espanta mais, nós não distinguimos mais do próprio mundo, e é no interior de um mundo já falado e falante que refletimos. Perdemos a consciência do que há de contingente na expressão e na comunicação, seja junto à criança que aprende a falar, seja junto ao escritor que diz e pensa pela primeira vez alguma coisa, seja enfim junto a todos os que transformam um certo silêncio em fala. Todavia, está muito claro que a fala constituída, tal como opera na vida cotidiana, supõe realizado o passo decisivo da expressão. Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe esse silêncio. A fala é um gesto, e sua significação um mundo (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 250).

É como se quando falássemos, tivéssemos uma força involuntária que se revelaria apenas quando emitíssemos a fala, como se o sujeito falante não tivesse consciência da dinâmica linguística que tem a fala. A linguagem é, segundo o autor, uma faculdade do mundo da experiência, portanto, do mundo sensível e muito familiar a todos nós. Mas, e se o sujeito não fala, estaria ele, alheio a este mundo da experiência? Já vimos que para Merleau-Ponty a palavra está presente em nós tanto quanto nosso corpo, pois pensamento e palavra não são desconexos, todo pensamento vem das palavras e para elas voltam. É o que ele chama de pensamento falante e palavra falante, falar aqui seria então se expressar, assim como os gestos também são uma forma de expressão.

Nesse sentido, quando os surdos se utilizam dos sinais como expressão de uma fala silenciosa e cheia de significantes, expressam eles toda uma experiência e vivência que se apresentam visualmente por uma comunicação que veste uma roupagem nova, mas que tem sentido e significado para a existência e identidade dos mesmos.

Disto fica a mensagem que o pensamento se expande para além de uma expressão verbal, este pode ser captado numa linguagem silenciosa do mundo e que salta aos olhos de diferentes maneiras, pela vida, pelas artes, pelos gestos, enfim, que se efetivam com sentido, revelando-se para uma nova leitura de mundo em que a grande tarefa da filosofia seria então a de explicitar essa experiência.

Temos, no mundo da palavra, o déficit de uma forma de comunicação não totalmente clara e perfeita, ela também tem seus silêncios e lacunas, mas que nem mesmo por isso impossibilita a comunicação, e isto ocorre nas mais diversas formas de expressão. Nesse aspecto Merleau-Ponty pontua que a comunicação se possibilita tendo em vista a flexibilização de seus signos linguísticos, assim as palavras podem ter significados mutáveis permanecendo em silêncio e em suspensão para possível efetivação em momento posterior, fato este, que depende de todo um contexto a ser utilizado. No universo da língua de sinais dos surdos, o contexto em que o sinal é utilizado tem característica de suspensão e contextualização.

O silêncio é tão expressivo quanto a palavra, os pensamentos vão sendo delineados muitas das vezes no silêncio, para então as palavras terem sonoridade e haver a revelação do que estava em suspenso. Podemos então entender que a linguagem pode exprimir tanto pelo o que está entre as palavras, o que elas dizem, quanto o que elas silenciam. E neste propósito, assim, também ocorre com os surdos na utilização dos sinais e sua contextualização. Só ressaltando que os sinais estão tanto para os ouvintes quanto para os surdos, uma vez que eles são próprios da linguagem e a língua de sinais como toda língua tem também suas complexidades.

Ao falar de “signos naturais” e artificiais, Merleau-Ponty usa o termo “mímica” dizendo que diferentes mímicas escondem diferentes sentimentos e emoções e cita como exemplo um japonês e um ocidental afirmando que numa certa situação, “O japonês encolerizado sorri, o ocidental enrubesce e bate o pé, ou então empalidece e fala com uma voz sibilante” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 256). Na linguagem de sinais, as expressões faciais (um dos parâmetros da língua de sinais), são usadas para tratar da expressão dos sentimentos, contudo, não são mímicas. Podemos perceber nos exemplos que as expressões dos sujeitos citados se diferem.

E afirma o filósofo:

Não é apenas o gesto que é contingente em relação à organização corporal, é a própria maneira de acolher a situação e vivê-la... Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que importa é a maneira pela qual eles fazem uso de seu corpo, é a informação simultânea de seu mundo na emoção (...) O uso que um homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo enquanto ser simplesmente biológico. Gritar na cólera ou abraçar no amor não é mais natural ou menos convencional do que chamar uma mesa de mesa (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 256).

O que o filósofo nos demonstra é que a linguagem não é um conjunto de significações puras, ou mesmo puros signos a que o pensamento recorre quando necessário. Ela não está programada e definida, assim como não é um objeto que a nossa consciência possa destacar, pois ela só existe na dinamização de nossa conversação, de nossa capacidade de vivificar a experiência pela troca diária de experiência, seja pela fala, pelos gestos, pela poesia ou pela vida de um modo geral. Segundo o filósofo, o elo existente

[...] entre a palavra e seu sentido vivo não é um elo de associação; o sentido habita a palavra, e a ‘linguagem não é um acompanhamento exterior dos processos intelectuais’. Somos conduzidos então a reconhecer... uma significação

gestual ou existencial da fala. A linguagem tem um interior, mas esse interior não é um pensamento fechado sobre si e consciente de si... Ela apresenta, ou antes ela é tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 262).

A necessidade de se expressar vai se desenvolvendo por qualquer uma dessas vias citadas acima, ou ainda por uma outra não citada. A expressão nasce de uma necessidade de se revelar e ser compreendida. Assim, a comunicação vai acontecendo e fluindo, por isso a linguagem não se restringe à expressão verbal e tenha como única tarefa traduzir o pensamento. Não somos prisioneiros de uma única forma de se expressar, não somos prisioneiros de uma única linguagem que tenha impulso apenas para recorrer ao pensamento. Num rápido impulso expressivo, podemos dizer que somos corpo que fala e pensa, modifica e se transforma, somos corpo que pulsa e busca se expressar.

Quando falamos, escrevemos ou pintamos e somos arrastados por um estado de encantamento que também nos arrasta para a expressão. Não há nada pronto e acabado, seguimos num impulso que vai aos poucos construindo e possibilitando expressar ao mundo o nosso próprio mundo. Num dos exemplos dado pelo filósofo, ele cita a paixão do orador por falar. Diz ele que, quando o orador fala, ele não pensa o que fala, pois sua fala já é o seu pensamento, e seu discurso se constrói à medida que as palavras vão surgindo.

Esse encantamento a que se refere Merleau-Ponty também se dá no corpo-sujeito do surdo, pois ele está posto na realidade e tem capacidade de experienciar a si mesmo e ao mundo. O corpo próprio que se apresenta como fenômeno de sua própria existência, seja surdo ou seja ouvinte, se expressa de diferentes maneiras. Disso decorre que:

Chamar a atenção para a problemática da língua em si é um paradoxo que percorre desde os bancos escolares até a vida social e profissional da pessoa surda. A possibilidade de perceber a existência de outra língua não caracteriza que a pessoa surda não encontrará mais problemas, uma vez que o discurso atual é a ausência desta. A língua foi e está sendo usada para “repassar” de informações e não para construir o diálogo com o outro. Esta atitude evita a intersecção de experiências, o compartilhamento do conhecimento e estimula o possível anacronismo que sempre esteve presente na vida da pessoa surda (MARQUES, 2008, p. 87).

Através do corpo surdo, a experiência do pensar pelas mãos nos possibilitará as mais diversas formas de expressão, numa reflexão filosófica transformadora e única. Quando falamos do corpo surdo e sua experiência do pensar pelas mãos, estamos nos reportando diretamente a falar pela LIBRAS, e isto requer compreender que esta tem estrutura linguística que possibilita, segundo Brito (1995, p. 21), “a produção de um número infinito de construções a partir de um número finito de regras”. A investigação da LIBRAS requer estudos linguísticos específicos, tendo em vista que a língua de sinais é diferente da língua oral e tem suas especificidades:

[...] dessa maneira, a libras não pode ser estudada tendo como base a língua portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual espacial da realidade (BRITTO, 1995, p. 21).

Essa abordagem se dá pelo fato de que um dos princípios que orienta a linguística cognitiva é a corporificação que está presente nas duas línguas, contudo, nas línguas de sinais se apresenta de maneira mais evidenciada, devido aos sinais que se dão de forma espaço-visual-gestual na comunicação.

Pela corporificação³, se investiga como que os seres humanos relacionam na língua o mundo à sua volta, e o ponto de referência dessa relação é, na verdade, o próprio corpo. E mais uma vez temos a questão do corpo inserido no espaço.

Lakoff e Johnson (2002, p. 28) afirmam que:

A mente seria “corporificada”, isto é, estruturada através de nossas experiências corporais, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo. Da mesma forma, a razão não seria algo que pudesse transcender o nosso corpo: ela é também “corporificada”, pois, origina-se tanto da natureza de nosso cérebro, como das peculiaridades de nossos corpos e de suas experiências no mundo em que vivemos. Com isso, desconstrói-se o dualismo cartesiano entre corpo e mente.

Precisamos considerar que o mundo silencioso do surdo pela ausência da fala, historicamente lutou para ser ouvido e este fenômeno se consolidou pela construção da própria língua. São corpos surdos que superaram as próprias limitações se fazendo presente no mundo quando se expressam, se reconhecem e se comunicam. A pessoa que nasce surda ou perde a audição busca achar meios de se comunicar, sua língua o permite viver a experiência do pensar pelas mãos, assim o surdo é capaz de filosofar porque ele tem uma língua que o permite refletir e se expressar no mundo e para o mundo.

Nesse sentido a experiência da comunicação pela Libras, que é uma língua que se expressa pelo corpo e é espaço-visual, carrega em si a potência da expressão corporal de um corpo que quer se fazer ouvir. Falar para os surdos é fazer seu corpo se projetar como sendo o próprio veículo da comunicação numa relação intensa com o outro. Seu corpo se constitui de sinais que fazem emergir a sua própria linguagem numa relação com o Eu, o Outro e o Mundo.

No relato de Emmanuelle - a atriz anteriormente citada -, podemos compreender o que significa a experiência da comunicação. Vejamos:

Preciso de comunicar. Se não pudesse fazê-lo punha-me aos gritos, a bater, a alertar a terra inteira. Ficaria só no mundo. A história da minha avó começa a tomar forma. Levo ao mundo dos surdos e dos que ouvem aquilo que sou. A minha palavra e o meu coração. A minha vontade de comunicar, de unir os dois mundos. Do fundo da minha alma. Sou uma gaivota que ama o teatro, que ama a vida, que ama os dois mundos. O dos filhos do silêncio e o dos filhos do ruído. Que os sobrevoa e pousa em ambos com a mesma alegria. Que pode falar àqueles que não têm essa sorte. Escutar os outros. Falar com os outros. E compreendê-los (LABORITI, 2000, p. 147).

Se para Merleau-Ponty o veículo de comunicação com o mundo é o corpo, e todos temos um corpo que se expressa das mais diferentes maneiras, entre elas a fala, assim também é com o surdo com o diferencial de que sua fala se dá pelo corpo através das mãos. Pelas mãos ele age e se manifesta, pelas mãos ele expressa

³ O termo corporificação aqui usado se dá no campo da linguística cognitiva por ser bastante evidenciada na língua de sinais, usaremos com bastante frequência de nossa fala o termo corporeidade que tanto é usado pela linguística cognitiva quanto pelo pensamento do filósofo Merleau-Ponty.

o que pensa, transforma e é transformado, ora, uma vez sujeito e dono de sua própria língua, ocupando um espaço de reflexão urge emergir para experiências filosóficas bem mais significativas.

Propomos então, a construção de metodologias de ensino que se adequem a essa realidade, qual seja, o ensino de Filosofia pela enunciação da LIBRAS, com oficinas filosóficas a partir de temáticas interdisciplinares que culminem na elaboração de materiais de recursos visuais, que podem ser um dicionário filosófico em LIBRAS, vídeos interativos com conteúdo filosóficos que possibilitem o ensino e aprendizagem do aluno surdo de maneira realmente inclusiva e que, a partir dessa experiência, tendo a filosofia como suporte seja ainda mais atuante em sua cultura e comunidade surda. E, para tal, elaboramos inicialmente um Caderno de Oficinas Filosóficas intitulado “A experiência do filosofar pela enunciação da LIBRAS”, material este que celebra o início de muitas vivências buscando encurtar a distância e as diferenças que nos separam e /ou podem nos separar.

Compreendendo a forma que o surdo tem de se comunicar e a língua que propicia essa comunicação, nos deparamos em todo nosso percurso com a potência corporal e a originalidade com que o surdo se apresenta e se expressa no mundo, de tal maneira, a evidenciar toda autonomia com que esse corpo surdo se comunica. Essa experiência em seu corpo próprio na condição de SER SURDO se alia a um outro corpo protagonista que é o do intérprete de Libras, um outro corpo sujeito que não tão somente se comunica e faz a interpretação de forma dualística e tecnicista, mas tem o que os surdos chamam de “fala corporal”. Isto posto, podemos salientar que ao buscar a emancipação do surdo em suas reflexões e atuações, o docente vai de encontro a um olhar ainda mais compromissado na construção, contextualização e aprendizagem dos mesmos.

Nesse propósito, pensamos as oficinas filosóficas na construção de nossas atividades, aprendizagens e comunicação, numa articulação de práxis extremamente oportuna à construção de conhecimento. Importante ressaltar que ser surdo é uma experiência visual, uma vez que ocorre a utilização da visão em substituição total da audição. Dessa maneira, abordamos as mais variadas expressões de arte como instrumento de expressão e linguagem tão bem utilizada pelos surdos. A expressão artística é para o corpo surdo uma experiência de linguagem, uma espécie de canal de experiência estética para sua comunicação. Diante do exposto, nosso intento foi uma melhor adequação nessa experiência estética.

Nos propomos além de uma reflexão acerca de nossas práticas educacionais, uma experiência filosófica pela enunciação da LIBRAS que permita ao aluno surdo se fazer efetivamente presente em sala de aula como autor e construtor de seu próprio conhecimento. Conhecimento que se constrói numa interação coletiva vivenciada em sala de aula, pois é nesta coletividade que o aluno se permite despertar, descobrir, debater e socializar ideias, buscando e propondo soluções para as questões que possam surgir. Nesse sentido, trabalhar com oficinas é uma oportunidade recíproca de comunicar-se. Como afirmam Paviani e Fontana (2009, p. 78): “uma oficina pedagógica é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos”.

O Caderno de Oficinas Filosóficas intitulado “A experiência do filosofar pela enunciação da LIBRAS” foi constituído para alunos do 2º e 3º ano do ensino médio, dispondo de apresentação, planejamento e metodologia, relação das oficinas e referências. Distribuímos as oficinas da seguinte maneira:

- Oficina 1: Filosofando: Filosofia e corporeidade;
Oficina 2: Filosofando: pensar, criar e recriar com as imagens;
Oficina 3: Filosofando: Filosofia, poesia e corporeidade em movimento.

No que se refere ao planejamento e à metodologia, organizamos as oficinas desse caderno visando desenvolver as atividades da seguinte forma e sequência: Apresentação; Objetivos; Carga horária; Recursos; Metodologia: Atividade Integradora, Problematização, Investigação de conceitos, Aplicação do tema e Socialização da realidade; Avaliação; e Referências.

Relacionaremos a partir de agora a apresentação das referidas oficinas para melhor compreendermos o que aqui nos propomos.

Oficina 1

Filosofando: Filosofia e corporeidade

Apresentação

De maneira bastante acentuada, os estudos sobre a corporeidade, sejam em quaisquer aspectos e dimensões se tornaram imprescindíveis na relação do Eu, do Outro e do Mundo, afinal estamos e somos parte de uma coletividade que se questiona como existência, a começar pelo corpo. No que tange a filosofia essa temática se faz ainda mais enriquecedora e abrangente em suas reflexões e troca de conhecimentos, principalmente quando trocamos experiências com corpos surdos. Dessa maneira, esta oficina tem como intento despertar para uma consciência corporal que se reconhece numa relação de construção de linguagem, expressão e experiência corpórea entre ouvintes e surdos.

Oficina 2:

Filosofando: Pensar, criar e recriar com as imagens

Apresentação

A realização desta oficina evidenciará o universo espaço visual do corpo surdo, especialmente a partir da leitura imagética de obras de artistas surdos, buscando uma reflexão filosófica ao criar e recriar pela enunciação da LIBRAS. Urge dar margem à experiência do corpo surdo com suas narrativas e linguagens gestuais à luz de uma reflexão filosófica. Parece óbvio o espaço do surdo, contudo em muitos casos, eles ainda não têm total autonomia mesmo sendo donos da própria língua, e construtores de sua comunicação, por esta razão os surdos lutam por reconhecimento nas mais diferentes formas de se expressar, entre elas, a arte surda. Para nossa reflexão desfrutaremos visualmente das obras do artista americano surdo, Chuck Baird fazendo uma leitura de sua arte. Esta oficina tem inspiração em uma outra oficina intitulada “artes surdas” que foi realizada no evento II Setembro Azul do INES em 2017; setembro é o mês do surdo.

Oficina 3:

Filosofando: Filosofia, poesia e corporeidade em movimento

Apresentação

Para esta oficina tivemos o intento de aproximar os surdos da leitura textual de alguns fragmentos de textos de filósofos propiciando um filosofar através de debates e reflexões através de construções textuais, histórias em quadrinhos, cordéis filosóficos e poesia. Iniciamos com A Alegoria da Caverna, obra de Platão, especificamente o livro VII da obra *A República*. Trabalharemos com a flexibilização dos textos filosóficos dada a realidade de cada docente.

Não temos a presunção de acreditar que estamos dando a fórmula mágica para a construção das práticas docentes e inclusão do surdo, mas a possibilidade de trilharmos um novo caminho onde possamos também exercer uma nova *práxis*. Ora, uma aprendizagem filosófica pelo viés da língua de sinais buscando toda expressão e corporeidade do corpo surdo na construção do conhecimento, insere esse corpo sujeito numa reflexão ainda mais enriquecedora e fértil uma vez que nos aponta os aspectos de uma corporeidade que se expressa no silêncio do próprio corpo.

Considerações finais

Das primeiras experiências e contatos com os surdos surgiu um pulsar filosófico nos instigando a conhecer esse universo que falava por outras expressões que não as oralizadas, mas no silêncio das mãos. Inicialmente pelo ímpeto de fazer um curso de LIBRAS com um instrutor surdo no local onde trabalhava, não tinha ideia de que essa iniciativa seria o passaporte para muitas outras experiências. A trajetória na docência se lapida com as experiências vividas, e são elas que nos propiciam sentido e significado a tudo que nos permitimos, assim compreendo o antes e o depois da troca dos primeiros sinais com os surdos. Era preciso ressignificar o olhar direcionado a eles, era preciso (re)construir as práticas docentes, algo havia mudado dentro desta educadora. Da relação com outros profissionais, intérpretes, instrutores e alunos surdos, das escolas do Serviço Social da Indústria (SESI) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, campos estes de estudo por onde desenvolvemos a pesquisa, ampliaram-se os conhecimentos e a lucidez de que não se reduz o surdo à sua surdez. Dessa maneira, quando nos propomos a fazer essa pesquisa, de certa forma, já havíamos iniciado os trabalhos e nem mesmo tínhamos percebido em que momento se deu essa iniciação, pois todas as vezes que a filosofia se encontrava com a LIBRAS, emergiam as inquietações e os questionamentos que aos poucos foram impulsionados por um desejo forte em trilhar caminhos que, embora desafiadores, nos permitiram olhar na mesma direção. Sequer tínhamos ideia de todos os desafios que estavam por vir. De curiosa e expectadora fui para a realidade da sala de aula e agora o desafio como professora-pesquisadora.

Este trabalho constitui-se um marco relevante para nossas experiências, tanto quando tratando da filosofia quanto da LIBRAS, ambas são tão necessárias quanto essenciais à educação e a tudo que ela nos propicia enquanto sujeitos transformadores de uma sociedade. A marcha com ataques ao ensino público e aos currículos persistem e, apesar deles, trazemos para o palco de nossas reflexões o

ensino da filosofia e, por conseguinte, a língua brasileira de sinais como maior expressividade do corpo surdo, por compreender que mesmo com os avanços e conquistas no que se refere ao ensino público para os menos privilegiados, ainda falta muito para se atingir uma melhor estrutura educacional digna de todo e qualquer cidadão. Não podemos nos omitir de uma reflexão tão necessária ao campo educacional e à construção de conhecimentos. Urge compreender e respeitar os surdos como indivíduos que lutaram e conquistaram seu espaço na sociedade com muitos sacrifícios e são construtores de língua, identidade e cultura próprias. Nessa perspectiva é que acreditamos em um novo olhar e construção de instrumental pedagógico que auxilie o aluno surdo em suas reflexões e aprendizagens.

Referências

- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. Revista Brasileira de Educação nº19, 2002.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB n. 2/2012. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Diário Oficial da União, poder Executivo, Brasília, 31 jan. 2012. Seção 1, p. 20.
- _____. *Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências.
- _____. *Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- _____. *Lei 12.319, de 1º de setembro de 2010*. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.
- BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *Merleau-Ponty: uma introdução*. São Paulo. EDUC. 2003.
- CERLETTI, Alejandro A. KOHAN, Walter Omar. *A filosofia no ensino médio: caminhos para pensar seu sentido*. Tradução Norma Guimarães Azevedo. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1999.
- _____. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CHAUÍ, Marilena. *Merleau-Ponty: a obra fecunda*. Rev. Cult Merleau-Ponty: A Verdadeira Filosofia é Reaprender a Ver o Mundo, São Paulo, n. 123 – ano 11, São Paulo, abril/2008.
- DUPONT, Pascal. *Vocabulário de Merleau-Ponty*. Tradução Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 (Coleção vocabulário dos filósofos).
- FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FERREIRA, Rosângela Gomes. *A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras - Letras Vernáculas) Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- FONTENELLE, Plínio. *Da percepção à visão radical do mundo: a condição de abertura do plano das imagens no percurso de Merleau-Ponty*. 2014. 187 p. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, FFLCH/Departamento de Filosofia.
- LABORITI, Emmanuelli. *O grito da gaivota*. Tradução Ângela Sarmiento. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2000.

- LAKOFF, G. JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução Grupo de Estudo da Indeterminação e da Metáfora (GEI VI). São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- MARQUES, Rosso Rodrigo. *A Experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica*. Tese de doutorado. Florianópolis, 2008, 133p.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- _____. *Elogio da Filosofia*. 5. ed. Tradução António Braz Teixeira. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.
- _____. *O filósofo e sua sombra: sobre a fenomenologia da linguagem, a linguagem indireta e as vozes do silêncio*. In: Textos Escolhidos (Os Pensadores). v. XLI. São Paulo: Editora Abril, 1975.
- MÜLLER, Marcos José. *Merleau-Ponty: acerca da expressão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- PAVIANI, N. M^a S.; FONTANA, N. M^a. *Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência*. Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/16/15>. Acesso em: 18 de agosto de 2021.
- PERLIN, Gládis T.T. Identidades surdas. In Skliar Carlos (org.) *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- PINTO, Débora Cristina Morato. *Ciência e Filosofia em Merleau-Ponty: da psicologia da percepção à fenomenologia da existência*. Revista Mente & Cérebro, São Paulo: Duetto editorial, n. 5. p. 84-90, 2015.
- QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- SACRINI, Marcus Ayres Ferraz. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*. Campinas, SP: Papirus, 2009.
- _____. O corpo em Merleau-Ponty: a dimensão carnal do mundo. In: *Revista Mente & Cérebro*. São Paulo: Duetto editorial, n. 5 p. 93-98, 2015.
- SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação. 1998.
- _____. *Experiências com a palavra: notas sobre linguagem e diferença*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.
- THIERRY, Yves. *Du corps parlante: le langage chez Merleau-Ponty*. Bruxelles: Ousia, 1987.
- WEILL, Pierre. ROLAND Tompakow. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. 72. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

Recebido em: 09/2024
Aprovado em: 12/2024